

O TRÉFEGO

Está nos saindo bem tréfego esse ministro da Justiça que o sr. Vargas mandou buscar em São João Del Rey; e desde logo é evidente que nem o bom nome político de Minas nem de um modo geral nós todos, a Nação, nada lucrámos com a saída do sr. Negrão de Lima e a entrada do sr. Tancredo Neves.

O sr. Afonso Arinos já se defendeu muito bem, com uma veemência que de resto gostaríamos de ver mais frequente em um líder da oposição, dos ataques do sr. Tancredo. Assinalemos apenas o mau gosto e a vulgaridade desses ataques. Está muito abaixo do nível mínimo dos bons costumes políticos a referência aos dólares do governo que o sr. Arinos gastou em Caracas. Revela o sr. Tancredo uma lamentável confusão entre os dinheiros públicos e os dinheiros do partido oficial, confusão muito adequada a um servo do sr. Vargas; sua maneira de falar dá a entender com toda a clareza que sua concepção de governo, Estado e Nação é a mais primitiva, e não vai além das fronteiras mentais e jurídicas de um estancieiro. Ele já se sente um pouco dono do Estado e de seu ouro, que é produzido pelo povo — dono ou, pelo menos, amigo do dono.

O ataque foi deselegante, injurioso, e indigno tanto de um ministro da Justiça, em quem sempre procuramos encontrar um jurista e não um produtor de argumentos cafaíestes, como de um político de Minas — essa Minas que, apesar de algumas personalidades catastróficas, sempre mantém em sua política uma tradição de linha e de respeito. Achamos que foi um erro político do sr. Melo Franco ir a Caracas, e depois ainda se demorar pelo exterior; mas um ataque desse tipo (menos um ataque que uma piada infeliz) não pode atingir um homem que herdou um nome tão belo e tão limpo e só tem feito honrar esse braço.

Ainda mais lamentável é o sr. Tancredo quando se nos impinge como pensador político, e vem nos ensinar que "o problema da liberdade e dos direitos do homem não tem a mesma importância que lhe emprestaram no passado" e nos dizer que "o que importa, acima de tudo, são os direitos sociais cuja garantia tem expressão na democracia econômica do sr. Getúlio Vargas".

Isso dito pelo sr. Jango Goulart seria uma tolice quase normal, ou pelo menos esperada; essa "democracia econômica" à qual se procura contrapor a democracia política — ou democracia, apenas — essa democracia adjetivada de maneira a perder sua verdade substantiva, é truque velho dos arsenais demagógicos de Mussolini, Hitler, Salazar, Vargas, Perón, etc., etc. Não esperávamos, entretanto, ver essa velha tolice repetida por um ministro da Justiça, e um ministro da Justiça mineiro.

O respeito à liberdade e aos direitos do homem forma exatamente o único e precioso clima em que o povo pode ter alguma esperança de ver realizada a democracia econômica, a justiça social. Não é este clima vargueano de assassínios policiais e de preparação de golpes, de favoritismos e escândalos, de negociações no Banco do Brasil, na CEXIM e agora na SUMOC, (os caminhões! os caminhões!) o clima típico desse governo em que o sr. Tancredo parece nadar como um peixinho feliz.

Um peixinho feliz — um pouco feliz demais a rabear em sua piscina ministerial.

R. B.

3/6/54

8